

12. Da situação de rua na Cuiabá dos delírios urbanos: antes e depois do projeto Copa do Mundo

Edson Benedito Rondon Filho⁴⁵

RESUMO: O presente trabalho teve como inspiração a etnografia urbana de Magnani, com orientação fenomenológica, e apresenta a observação realizada no centro histórico da cidade de Cuiabá-MT, precisamente no espaço urbano caracterizado por pedaços, manchas e pontos onde se concentram variados coletivos da população em situação de rua que, para efeito deste artigo, compreendem aquelas pessoas que vivem, ou são, ou estão na rua. O método atende às perspectivas da Teoria Fundamentada e dispensa a formulação de hipóteses. A observação marcou a descrição do trajeto percorrido e retratado antes e depois do projeto Copa do Mundo 2014 que elegeu Cuiabá como uma de suas subdeses. Talvez o trabalho passe a sensação de “congelamento” da paisagem, mas não podemos desprezar a importância dessa técnica de coleta de dados como construção de um quadro que marca uma historicidade, um tempo e, sobretudo, uma espacialidade de sujeitos invisibilizados pela sociedade, mas inseridos nesse contexto.

Palavras-chave: Situação de rua; Centro Histórico de Cuiabá; Copa do Mundo.

Artigo recebido em	Artigo aprovado em
1 de maio de 2024	5 de setembro de 2024

THE HOMELESS SITUATION IN CUIABÁ OF URBAN DELIRIUM: BEFORE AND AFTER THE WORLD CUP PROJECT

ABSTRACT: This work was inspired by Magnani’s urban ethnography, with a phenomenological approach, and presents observations conducted in the historic center of the city of Cuiabá, Mato Grosso, precisely in the urban space characterized by fragments, patches, and points where various groups of homeless people are concentrated. For the purposes of this article, these are those who live, are, or are on the streets. The method adheres to the perspectives of Grounded Theory and dispenses with the formulation of hypotheses. The observation marked the description of the path traveled and portrayed before and after the 2014 World Cup project, which chose Cuiabá as one of its sub-venues. The work may give the impression of a

45 Doutor em Sociologia (UFRGS), mestre em Educação (UFMT), bacharel em Ciências Sociais (UFMT), Direito (UFMT) e Segurança Pública (APMGO). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT). Associado ao Instituto Brasileiro de Segurança Pública (IBSP) e ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

“frozen” landscape, but we cannot overlook the importance of this data collection technique in constructing a framework that marks a historicity, a time, and, above all, a spatiality of subjects invisible to society but inserted into this context.

Keywords: Homelessness; Historic Center of Cuiabá; World Cup.

Introdução⁴⁶

Esta narrativa pode soar como uma ode fenomenológica de um cuiabano à situação de sua cidade natal – inalada, incrustada, cheirada, ouvida e deglutida em clarificadas e obscuras nuances de campo reproduzido em diário baseado na etnografia urbana de Magnani (2002, p. 11-29), onde a composição da ‘música urbana’ cuiabana teve sua partitura construída com categorias aplicáveis à temática da esquizofrenia do urbano no estranho ato de estranhar ou de se conformar com o percebido na mancha histórica⁴⁷ da urbe, indelevelmente aposta no coração da América do Sul⁴⁸ –, mas é de suma importância para compreensão do vivido pelos sujeitos em situação de rua observados e considerados híbridos no projeto humanidade/natureza como parte integrante que são da cidade de Cuiabá e marcados pelo projeto da Copa do Mundo de Futebol, organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA).

O estranhamento ao aparentemente conhecido antes do Projeto Copa do Mundo

Curiosidades pelas respostas das realidades multifacetárias do contexto urbano e de rua permeiam as mentes de muitos pesquisadores que se propõem a mergulhar no concreto das cidades ante as múltiplas possibilidades

46 Este artigo fez parte do livro denominado “*RuAção: das epistemologias das ruas à política da rua*”, organizado por Solange T. de Lima Guimarães, Cláudia Cristina Ferreira Carvalho, Luiz Augusto Passos e José Marin, e publicado pela EdUFMT em 2014, resultado de pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa em Movimentos Sociais e Educação do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

47 Mancha Histórica porque os casarões coloniais, da época do Brasil Colonial, marcam os limites do Centro histórico de Cuiabá.

48 Cuiabá é o centro geodésico da América do Sul.

do ato de conhecer ou de desconhecer. Esse mergulho é potencializado pelos variados meios de acesso aos conhecimentos disponíveis na aldeia global, na tentativa de descobrir possibilidades que tangenciam tanto a objetividade quanto a subjetividade, no dilema reinante entre a ação e a estrutura.

Não raras vezes, situações percebidas do cotidiano, às quais não temos respostas imediatas e satisfatórias, e, também, situações “invisíveis”, nos proporcionam reflexões e nos impulsionam às buscas pelas respostas pretendidas. Um dos meios para se tentar o alcance de tal intento se dá através da realização de pesquisa, dentro, é claro, das restrições que naturalmente se apresentam às compreensões do campo e interlocução com os sujeitos envolvidos.

O esquema mental, fugindo é claro do projeto cartesiano, deve se transformar em algo realizável e conversível em concretude, propiciando um duplo entre o desbanalizar e o *retour* do conhecimento.

A inspiração deste trabalho teve como veio de nascença o projeto desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Movimentos Sociais e Educação (GPMSE) do Instituto de Educação (IE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), cuja coordenação restou à cotutela do professor Luiz Augusto Passos. Cotutela porque a liberdade da pesquisa, pelos pesquisadores, marcou o projeto do início ao seu termo e o roteiro para o vislumbre do urbano “tchapeacruz”.⁴⁹

A delimitação do espaço percorrido e observado por este pesquisador se deu com base nas cartografias originadas dos dados coletados junto ao Centro de Referência Direitos Humanos da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Estado de Mato Grosso (SEJUDH/MT), onde se percebe os “pedaços” ou “manchas” de concentração dos diversos coletivos da população em situação de rua.

O ponto de irradiação do percurso realizado várias vezes, em diversos dias, foi a Igreja de São Benedito da Paróquia do Rosário, localizada na avenida Coronel Escolástico, próximo ao Morro da Luz e da antiga ‘Lavra do Sutil’, início do pulsar da Vila de Nosso Senhor Bom Jesus de Cuiabá⁵⁰

49 “*Tchapa e cruz*” é expressão cuiabana que representa aquele(a) que é nativo(a) de Cuiabá. Exemplo, “*Sou cuiabano de tchapa e cruz*”.

50 Segundo a Súmula de informações do município de Cuiabá, a origem de seu nome vem de “[...] ‘IKUIAPÁ – IKUIA – flecha-arpão. – PÁ – lugar (lugar da flecha-arpão). Designação: – de uma localidade onde se pesca com flecha-arpão. – de uma localidade onde antigamente os bororos (et-

nos longínquos anos de 1719.⁵¹ O caminhar cruzou a avenida Tenente Coronel Duarte (Prainha) e adentrou na rua Voluntários da Pátria, ‘quebrando’ na Galdino Pimentel até a Cândido Mariano, onde subi o beco até a praça Alencastro desaguando na avenida Getúlio Vargas, com coroamento da caminhada na praça da República após vista das ruas próximas à Igreja Matriz, ao Palácio da Instrução, aos Correios e ao Museu Histórico de Mato Grosso.

Das inúmeras vezes que caminhei e observei pelo percurso planejado destacarei dois campos considerados emblemáticos, sendo um antes da realização dos jogos da Copa do Mundo e outro depois do evento esportivo mencionado. Lembro que a narrativa, em que pese a delimitação de sua temporalidade, é correlacionada e até mesmo contaminada com as impressões advindas das outras vezes em que o percurso foi realizado, mas não pode ser desconsiderada.

Conforme descrito no parágrafo anterior, por volta das 19 horas do dia 18 de fevereiro de 2014, estava em frente à Igreja de São Benedito para início do trabalho de campo, segundo orienta Cicourel (1965). O local não poderia ter sido mais providencial. Na minha frente o símbolo religioso de Cuiabá, edificado por escravos na época do Brasil colônia, com sua arquitetura deslumbrante, aberta para realização da missa, onde os fiéis devotos do padroeiro São Benedito enchiam as instalações da Igreja. Alguns em estado de êxtase (transe), estimulados pela fé ao santo protetor, aparentavam estar ‘fora de si’ em uma fervorosidade tamanha, inefável às palavras, possível de imaginação e percepção somente às testemunhas presentes. Lembramos Park (1987, p. 26) ao afirmar que “[...] a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição”.

À frente da Igreja, as imagens de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário estavam iluminadas por dezenas de velas acessas por pagadores de promessas e fiéis, o que entorpecia o ar com o cheiro de parafina misturado ao de ‘churrasquinhos’ e da fumaça carbônica expelida pelos veículos pas-

nia indígena) costumavam pescar com flecha-arpão, correspondente à foz do IKUIÉBO, córrego da Prainha, afluente da esquerda do rio Cuiabá, na cidade homônima. Julgamos que o nome da capital de Mato Grosso, Cuiabá, justamente edificada nas duas margens do córrego da Prainha, não seja outra coisa que a corrupção e sonorização de Ikuiapá.” (IPDU/PDI, jan. 2000).

51 Cuiabá tem como marco de sua história a fundação do Arraial da Forquilha em 1719. As lavras do Sutil foram descobertas em 1722, nas proximidades do morro do Rosário, onde foi edificada a Igreja de São Benedito.

santes nas avenidas Coronel Escolástico e Tenente Coronel Duarte. Outro cheiro marcante, tangente ao ocre, era aquele que advinha dos fiéis que estavam no interior do templo; cheiro humano de trabalhador; forte e profundo; de alguém que saiu cedo para a lida e que até àquela hora da noite não tinha ainda visto ‘água’; mesmo assim, não podia deixar de cumprir sua ‘devoção obrigatória’ com São Benedito.

A devoção observada era praticada majoritariamente por mulheres, enquanto seus companheiros ficavam aguardando o término da missa em barzinho localizado atrás da igreja, misturando-se a taxistas, sentados em banquinhos de madeira na calçada do estabelecimento. O visual é nostálgico, um antigo ‘bolicho’ onde os fregueses, na totalidade do sexo masculino, conversam no aguardo das mães, tias, esposas, filhas e primas devotas. Ressalvo meu pesar pela impossibilidade de captar o teor das conversas; seria muito interessante ‘bisbilhotar’ aquele pedaço⁵², mas não tínhamos o “passaporte” e o meu desiderato era outro, ou seja, observar quem estava na situação de rua.

Do ponto de vista ‘das estátuas’, o visual próximo às escadarias da Igreja de São Benedito, é deslumbrante. Passa a sensação de que os santos estão a guardar a cidade e esta segue seu caminho, barulhenta, iluminada pelos faróis – dos carros e de trânsito – com destaque à luminosidade imponente da mesquita mulçumana localizada no topo do Morro da Luz, também avistada do local. O ato de conviver lado a lado, bem pertinho, mulçumanos e afrodescendentes católicos em seus espaços de adoração, expressando-se harmoniosamente e sem interferências beligerantes de suas crenças nos levam a refletir sobre a violência religiosa tão comum em alguns cantões de nossa Terra, mas, ao mesmo tempo, nos tira a atenção daqueles que estão ‘invisíveis’.

O auditivo profano foi percebido à porta da Igreja do Rosário e creio que funciona como uma provocação ao sagrado, lembrando que existem almas a serem salvas. Dentro da Igreja, música sacra moderna; na porta, som de música sertaneja vindo de um ‘botequim’ localizado na avenida Tenente Coronel Duarte, atrás de uma outra igreja (Senhor dos Passos), e no início do ‘beco do Candeeiro’, palco de chacina de adolescentes algum tempo

52 Segundo Magnani (1996, p. 32), “[...] quando o espaço – ou segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de pedaço”.

atrás⁵³. É como se a tentação estivesse bem ali, às portas do templo, provocando os fiéis a pecar no fragmentar dos sons, só esperando o encantamento acontecer pelo chamado de Baco.⁵⁴ Esse bar funciona como um pórtico, pois o beco do Candeeiro, à noite, não oferece passaporte a todos que pretendam por lá transitar. A passagem para o mundo do ‘candeeiro’ passa pelo bar, ali se dá a aceitação na interação e autorização dos atores que fazem parte daquela paisagem.

No beco, pedras de ‘crack’ e pasta base estalavam misturando-se à fumaça dos cigarros das prostitutas, cafetões e bêbados, constituindo-se em região moral de concentração desse tipo de atividades desenvolvidas pelos grupos citados (Park *apud* Becker, 1996, p. 182).

Interessante que, há alguns anos, a movimentação desses atores no bar do pórtico do beco do Candeeiro não era tão marcante, devido à existência de uma câmera de monitoramento instalada no cruzamento das avenidas Tenente Coronel Escolástico e Tenente Coronel Duarte com a rua Voluntários da Pátria. Ao ser danificado o *big brother*, tais sujeitos se revigoraram e foram resgatados da obscuridade. Atores outrora marginalizados e invisibilizados pelo ‘dedo duro’ saíram do beco e se expuseram em uma das vias arteriais mais movimentadas da capital de Mato Grosso. ‘Chaminés humanas’, ‘mariposas’ e seus comerciantes enfim puderam mostrar quem manda no pedaço, como se despertassem, após o uso de ‘crack’, do sistema de vigilância de um sono casular, podendo, enfim, viver o modo *blasé* de ser⁵⁵ (Simmel, 1987, p. 16), nos seus vícios comercializados (Park, 1987, p. 54) e afronta direta à moral conservadora cuiabana. Mesmo se consertando o equipamento de monitoramento visual, o pedaço continuou dominado pelos seus viventes e dependentes.

Seguindo a Voluntários da Pátria, a suntuosidade dos casarios deixados pelos portugueses embasbaca quem nunca se deixou aperceber-se dos deta-

53 A chacina do “Beco do Candeeiro”, como ficou conhecida a tragédia que marcou Cuiabá, no dia 10 de julho de 1998, com a morte de três adolescentes assassinados a ‘sangue frio’ do local citado. Disponível em: <<http://www.expressomt.com.br/matogrosso/pm-reu-da-chacina-do-beco-do-candeeiro-deve-ir-a-juri-em-cuiaba-113237.html>> e <http://www.reporternews.com.br/noticia/401543/dezesseis_anos_apos_%93chacina%94_pm_sera_julgado>. Acesso em: 20 set. 2014.

54 Deus do vinho e da fertilidade para os romanos. Representa a vida dissoluta.

55 “Vida em competição desregrada ao prazer”, com agitação dos nervos “[...] até seu ponto de mais forte reatividade por um tempo tão longo que eles finalmente cessam completamente de reagir” (Simmel, 1987, p. 16).

lhes minimamente trabalhados em tais edificações. O Museu da Imagem e do Som de Cuiabá (MISC), instalado em um casarão nessa mesma rua, é um ponto do circuito artístico cuiabano, lembrando que por lá, também aconteciam reuniões festivas *urderground*. Mais uma vez o profano insulta o sagrado, pois de frente ao MISC se localiza a Igreja Nosso Senhor dos Passos,⁵⁶ cujas missas são frequentadas por beatas. É o paralisar do tempo naquele templo contraposto à contemporaneidade e cosmopolismo do pedaço. Poderíamos dizer que há sim uma sobreposição de papéis, pois durante o dia o local é frequentado por um tipo de público que o usa, principalmente, para o comércio e à noite é ocupado por outro que o tem como refúgio – no caso do calçadão da Sete de Setembro – ou como ponto de encontro alternativo cultural⁵⁷ – no caso do MISC – e até para consumo de drogas – nos pontos obscuros do calçadão. É a apropriação do pedaço por vários grupos com interesses distintos.

Ao caminhar pelo calçadão da Sete de Setembro, rumo ao calçadão da Galdino Pimentel, percebi, em uma viela sem iluminação, um grupo de aproximadamente seis pessoas consumindo drogas. O cheiro era de “*marijuana*”, mas ouvia-se, também, o estalar das *pedras*. O sentimento de não pertencimento me conduziu a uma aceleração dos passos. A pouca iluminação conferia uma robustez ao meu medo daqueles “donos do pedaço”, afinal não havia me apresentado e não tinha passaporte, o que me tornou “invasor”. A “invasão” desautorizada é prática corriqueira da polícia naquele pedaço. Batidas (de mãos e cassetetes) e conduções dos “desviantes” são constantes. A simples presença naquele pedaço é um risco. Risco aos “nativos” pela ro-

56 Segundo Negrão e Morales (2008, p. ?), “[...] diz a história (ou seria lenda?) contada por um certo Joaquim Ferreira Moutinho, em 1869, que ‘a Igreja do Nosso Senhor dos Passos teria sido construída por um português chamado José Manuel. Após sofrer um ataque de catalepsia, José Manuel foi considerado morto e sepultado’. ‘Por ter conseguido escapar do seu sepulcro com vida, o homem, para agradecer, passou a angariar fundos para construção de uma capela em homenagem ao Senhor dos Passos. Assim nasce a Igreja bicentenária’, conta Joaquim em seus escritos. A outra versão, mais aceita, é a de Eduardo Etzel. Em seu livro ‘O Barroco no Brasil’, citando o padre Wainir Delfino César – cujo corpo foi sepultado sob a torre – ele relata: ‘Na segunda metade do século XVIII os devotos de Nosso Senhor dos Passos resolveram buscar uma imagem para ser venerada na Matriz, visto que as prescrições reais não permitiam a construção de uma capela própria. No entanto, depois que veio a imagem, os mesmos devotos não ficaram satisfeitos e aos poucos foram construindo a Capela do Nosso Senhor dos Passos [...]’.

57 O lazer aqui poderia ser muito bem deslocado de categoria nativa para categoria compreensiva (Magnani, 1996, p. 31-32).

tulação imposta pelos empreendedores morais. E risco aos “invasores” por serem considerados uma ameaça às atividades dos “nativos”.

No calçadão da Galdino Pimentel foi percebido o uso dessa via como atalho para pessoas que se deslocam aos pontos de ônibus localizados na avenida Tenente Coronel Duarte. Os passos dos transeuntes, sempre acelerados e largos, deixavam a dúvida se a pressa se dava pelo medo do local ou pela ansiedade de retorno para casa, após jornada de trabalho ou escolar. Ponto de destaque é um hotel, pequeno, de arquitetura e detalhes peculiares, que resgata o *glamour* da antiga ‘rua de baixo’.

Subindo um pequeno trecho calçado da Cândido Mariano (semelhante a um beco), deparei-me com um bar, provavelmente pertencente a um fluminense ou cuiabano fanático por times fluminenses, pois escancaradas à vista de qualquer um estavam duas bandeiras, uma do Botafogo e outra do Flamengo. O público era eminentemente masculino, que tinha na cerveja a companhia para a música ali tocada.

Na praça Alencastro, fui recepcionado por um odor proveniente, possivelmente, do mijo e da boca-de-lobo localizada na esquina da Cândido Mariano com a Pedro Celestino. O calor intenso de Cuiabá potencializa os odores e chega a causar indisposição nos transeuntes que passam pelo local. Sobrepostos na praça, vários pedaços se entrelaçam, em uma diversidade de atores que espanta. Meninos, pré-adolescentes e adolescentes, jogam futebol com minitraves confeccionadas em metal, o que indica uma continuidade nessa prática desportiva naquele local, talvez pelo fato de residirem nos edifícios circunvizinhos e inexistir áreas para prática de esportes, restando como opção a praça. Também, estudantes adolescentes, trajando uniformes de suas escolas se reúnem no coreto e proseiam horas a fio.

Um grupo de jovens do sexo masculino em situações bem íntimas chamava a atenção de senhoras que passavam pelo local. Como corolas e guardiãs da moral da cidade, cochichavam, expressando ar de espanto dirigido às relações homoafetivas visualizadas. Mas, a cidade está longe dessas restrições, como bem lembrado por Simmel (1987, p. 20) em suas palavras que afirmam a liberdade do homem metropolitano, “[...] em um sentido espiritualizado e refinado, em contraste com a pequenez e preconceitos que atrofiavam o homem de cidade pequena”.

Ainda, várias pessoas que vivem na rua estavam deitadas no coreto da praça e ali proseavam. Pedacos de papelões indicavam o seu uso como cobertores, apesar da previsão de elevada temperatura para aquela noite.

Aquela altura, a empolgação acabou por suggestionar uma mudança no itinerário previamente pensado, desviando-me para uma visita à antiga residência dos Governadores do Estado, localizada na rua Barão de Melgaço.⁵⁸ Ao subir a rua paralela à prefeitura, sede do Poder instituído do município, localizada na praça Alencastro, encontrei um casal de moradores de rua. Os dois falavam em alto tom e pareciam discutir. Ele estava com um “corotinho”⁵⁹ de cachaça em uma das mãos e com a outra gesticulava e tentava afastar sua companheira. O quadro indicava um conflito instaurado pelo desejo do álcool. Ela, ávida por sorver a bebida; ele, resistente em dividir o pouco que lhe restara. Desse quadro, percebi a indiferença do casal para com os transeuntes da mesma forma que destes para com aquele. A marca na relação entre quem está na rua e quem não está é justamente essa, a indiferença. O quadro se apresenta e todos ignoram como se não existisse – é a invisibilidade da carne humana, doente e sedenta pelo álcool, no caso observado por aqueles que se acham dotados de muitas preocupações “mais importantes”.

Desci a Barão de Melgaço e ‘dobrei’ a Getúlio Vargas, avenida de considerável movimento e retornei à Praça Alencastro após passar em frente ao Cine Teatro Cuiabá. No ponto de ônibus da praça, observei muitas senhoras e estudantes aguardando ansiosamente pelo transporte coletivo. De maneira indiferente de uns para com os outros, comportavam-se negativamente à presença do próximo não tão próximo. A reserva extremada estava clarificada naquele quadro (Simmel, 1987, p. 17). Disse ‘ansiosamente’ porque algumas dessas pessoas, a todo instante, ficavam olhando seus relógios, demons-

58 A Residência Oficial dos governadores de Mato Grosso foi construída entre os anos de 1939 e 1941, no governo do Interventor Júlio Müller. Foi a primeira construção das Obras Oficiais do Governo Vargas. Getúlio Vargas foi o primeiro presidente brasileiro a visitar o Estado e, também, o primeiro hóspede ilustre da casa. Durante 45 anos a residência abrigou 14 dirigentes do estado de Mato Grosso e seus familiares, sendo desativada como residência oficial em 1986. A última reforma/restauro em 2000 devolveu à residência suas características do projeto original. Foi também palco de grandes decisões políticas e governamentais. Construção: 1941; Estilo: Arquitetura típica do Estado Novo. Ocupação Atual: Banco de Desenvolvimento de Mato Grosso/MT Fomento. Tombamento: Portaria nº 53/83 D.O. 9/01/1941. Situação Atual: ótimo estado de conservação. Antiga Residência dos Governadores, localizada na Av. Barão de Melgaço atrás do prédio da prefeitura de Cuiabá. Disponível em: <http://www.cultura.mt.gov.br/TNX/galerias_indice.php>. Acesso em: 9 out. 2008.

59 “Corotinho” é a forma como se denomina pequenos volumes em plástico ou vidro com cachaça.

trando ansiedade. Ajustando meu foco naquele quadro percebi que a impaciência decorria do fato de haver nas proximidades um morador de rua que ali dormia, balbuciando palavras incompreendidas, não sei se em sonho ou em pesadelo.

Atravessei a Getúlio Vargas e contornei a Matriz⁶⁰ que, naquela hora (21h30min), já estava fechada, melhor dizendo, trancada, com seus portões impedindo qualquer um que quisesse se aproximar de seu alpendre. Lembrei-me que “sem-teto” faziam o uso do alpendre da Igreja para abrigo do relento e talvez isto tenha sido o motivo de se levantar o portão como barreira. Com a instalação dos portões da Igreja Matriz, aos “sem-tetos” restaram, como opção de cama, os bancos da praça da República.

Em seguida, fiquei apreciando a arquitetura do Palácio da Instrução⁶¹ e mais uma vez resolvi alterar o roteiro, descendo até a Isaac Póvoas pelo

60 Segundo o disponível em <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=47486&edicao=9916&anterior=1>>, Acesso em: 28 jul. 2014, a Igreja Matriz “[...] foi construída, no longínquo ano de 1722 [...]”. Quem primeiro teve a iniciativa de levantá-la foi o bandeirante paulista, e então capitão-mor do Arraial de Cuiabá, Jacintho Barbosa Lopes. A primeira igreja foi um rancho de pau-a-pique levantado próximo às minas de ouro da Prainha. Somente em 1723 foi fundada a Freguesia de Cuiabá, posto que era o costume, nas novas terras descobertas, levantar primeiro a igreja matriz e só depois, e em volta dela, se constróem os outros poderes, as sedes da administração, as casas dos ricos ou privilegiados. Em 1739, a igreja ganhou paredes de taipa-socada e, de 1775 até 1928, sobreviveu com as paredes sólidas e os ares barrocos que até ontem resistiram muito antes de virar poeira”. Em 26 de setembro de 1968 ela foi demolida para a construção da atual matriz (IGREJA..., 2014).

61 Segundo matéria disponível em <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=150982&edicao=10701&anterior=1>>. Acesso em: 20 set. 2014, o Palácio da Instrução foi “[...] construído em estilo neoclássico no ano de 1913, o prédio tem grande valor histórico e arquitetônico. Edificado em alvenaria e pedra canga levou três anos para ser concluído. [...] Durante 57 anos funcionaram as escolas: Normal, Pedro Celestino, Liceu Cuiabano, entre outras. Abrigou ainda diversas instituições culturais. Pelo Palácio passaram nomes da política e literatura regional como: Lenine Póvoas, Dunga Rodrigues, D. Maria de Arruda Müller, e tantas outras celebridades históricas. O Palácio da Instrução foi tombado para integrar o Patrimônio Histórico Artístico e Cultural, através da portaria nº 03/1983 da Fundação Cultural de Mato Grosso. [...] Com projeto do Engenheiro João da Costa Marques, e firma Magalhães & Melo teve início a obra. Porém, no governo Costa Marques (1911 a 1915) – o projeto sofreu alteração. O prédio foi edificado em alvenaria e pedra canga, em estilo neoclássico. Construído em terreno isolado a fachada principal voltada para praça da República com área coberta de 1286 metros quadrados sendo o terreno todo de 4.757 metros quadrados, a fachada principal com 54 metros e a fachada lateral com 27 metros. Pé direito de 13 metros de altura levando-se ao centro um frontão a 16 metros com o Brasão da República e a data de sua construção 1913. O local possuía 27 salas destinadas às necessidades escolares, quatro gabinetes sanitários, toaletes, vestíbulo e um vasto e espaçoso salão. No centro do edifício como que o dividindo em partes iguais encontra-se o Salão Nobre, e o acesso ao andar superior feito por uma ampla escadaria. As janelas com duas folhas de almofadas e duas de vidro, ao todo 88, com detalhe especial: os vidros foram fabricados na Bélgica, e traziam gravados o Brasão de Armas de

calçada da Antônio Maria. Destaco a nova roupagem do centro antigo de Cuiabá com o processo de revitalização, que funcionou como uma higienização, onde atores ‘donos do pedaço’ foram invisibilizados em detrimento de tal política.

Da Isaac Póvoas fui até a Praça Maria Taquara⁶² e ali observei uma verdadeira ‘torre de babel’ com representantes de diversos grupos de referência, em uma mistura difícil de descrever. Mototaxistas, garis, estudantes, trabalhadores e algumas pessoas embriagadas, em um ponto considerado restrito e defronte à Igreja do Bom Despacho, opondo, mais uma vez, o profano com o sagrado.

Todo o percurso pode ser considerado uma mancha comercial (durante o dia), pois é a prática que domina majoritariamente esse espaço geográfico. Muitos pedaços estão ali marcados, inclusive de maneira sobreposta. Ainda, existem na mancha pontos de circuitos culturais (por exemplo, o MISC) e religiosos (Igrejas) e os pórticos de passagem para áreas não permitidas. A população em situação de rua também integra esses espaços nos seus mais variados coletivos que variam em conformidade com a temporalidade do dia, mas é “invisível”, rotulada, discriminada, oprimida, ignorada etc. Muitas vezes vista como “caso de polícia”, a rotulação que lhe sobra é de escória, marginais, bandidos, drogados, desocupados, perturbados mentais etc. em uma perversidade sem métrica, reproduzida estruturalmente, inclusive, por aqueles que deveriam compreender e ver a situação dessas pessoas com olhos mais humanos.

Essa descrição é uma breve ideia de como foi o transitar pelo campo naquela noite de fevereiro de 2014 e, para marcar a mudança na paisagem, apresentarei, de maneira comparada, o quadro descritivo do espaço percorrido, levando em conta o lapso temporal de apenas alguns meses que separaram a noite da descrição e o marco histórico-político da Copa do Mundo, uma vez que Cuiabá foi selecionada como uma das doze subsedes brasileiras. Isto considerando, contextualizarei, primeiramente, o evento futebolístico em referência.

Mato Grosso. (Dados históricos fornecido pelo livro História do ensino em Mato Grosso, de Marílio Humberto, e Revista do Arquivo Público de Mato Grosso)”.
62 Maria Taquara é personagem do folclore cuiabano. Mulher simples, lavadeira, inovou em seu tempo ao usar calças, vestimenta tipicamente masculina para a época. Sua estátua foi construída pelo artista plástico Aroldo Tenuta e pesa 450 quilos com 4,20 metros de altura, trabalhada em ferro.

Cuiabá e os jogos da Copa do Mundo de futebol

O Brasil tem sua identidade nacional marcada pelo carnaval e pelo futebol. Imiscui-se nessa paixão um misto de diversão e controle político, encapsulado no “sapatinho” e na “pátria de chuteiras”. No carnaval ocorre a suspensão da moralidade cotidiana. Há máscaras para os papéis assumidos nesse período de euforia e diversão (Da Matta, 1997). No futebol, a difusão de ideia de vitória, de resiliência, de sucesso e, sobretudo, da potência Brasil, celeiro de craques.

Entretanto, o mapa do futebol mundial se reconfigurou e o Brasil que nunca desceu do 4º lugar do *ranking* mundial, ao tempo da pesquisa, ocupava o 6º lugar. Há um componente político e capitalista muito forte que, inclusive, conduziu a candidatura brasileira à copa de 2014. O processo foi deveras concorrido, com disputa em primeira fase, no ano de 2003, entre Argentina, Brasil e Colômbia, candidatos apresentados pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol). Importante frisar que a FIFA imprimiu um rodízio entre as federações, possibilitando a realização da Copa do Mundo de maneira alternada nos continentes componentes do globo terrestre. Ou seja, a Copa de 2014 já tinha seu lócus definido, a América do Sul. Em 2007, foi anunciado o Brasil como único candidato e bastava o país atender as exigências da FIFA para se consolidar como sede de maneira oficial.

Ao reboque da escolha do Brasil veio uma disputa interna pela definição das cidades sedes que receberiam os jogos do torneio. No Centro-Oeste, candidataram-se todos os Estados mais o Distrito Federal, marcando-se nessa disputa a exacerbação da rivalidade regional entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, fruto da raiz comum entre os dois Estados. A seleção do Distrito Federal, com Brasília como capital do Brasil e subsede, inviabilizou a candidatura de Goiânia. A outra vaga, após um processo tenso, foi direcionada para Cuiabá. *Slogans* como “*chupa essa manga*” ganharam a pauta das manifestações em comemoração à vitória no processo seletivo, inflando o ego cuiabano que viu na Copa do Mundo a redenção para os problemas urbanos de Cuiabá.

A direção da organização do evento prometeu colocar em prática projetos engavetados há décadas e referentes à arquitetura urbana da cidade. O modal de transporte escolhido, Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), também foi acompanhado de inúmeras rugas políticas e judiciais. Ao final, definiu-se

pelo “padrão FIFA” de “organização e execução”, mesmo com a resistência da oposição, que denunciou o uso político do projeto ante à exiguidade do tempo, o que inviabilizaria a concretização daquilo que foi planejado.

Viadutos, trincheiras, avenidas, pontes, passagens, ‘revitalizações’, arena Pantanal, *Fanfest* e investimentos comerciais foram alguns dos ganhos anunciados como solução para os problemas estruturais da cidade que teria mobilidade urbana e qualidade de vida. Com estes sonhos vendidos, a população aderiu ao projeto e apoiou a iniciativa do governo. Dessa paisagem de concreto, pouco ou quase nada se falou daqueles que nela estavam. A população em situação de rua foi extirpada não só desse projeto, mas, também dos seus espaços de ocupação.

Das vezes que percorri o trajeto descrito em passo anterior, e com a missão específica de descrever o observado, a cidade estava um verdadeiro caos, com suas artérias expostas. O verde foi retirado das avenidas principais para a construção do VLT e, digo mais, Cuiabá não mais faz jus ao título de “cidade verde”. Buracos e mais buracos, desvios, trânsito insuportável, a sensação de que a temperatura está mais alta que o habitual (talvez pela ausência das árvores para amenizar tal sensação), mesmo sendo o ano de 2014 um ano atípico devido às chuvas constantes até quase o final de maio. Obras interditadas, outras embargadas e refeitas por falhas na execução do projeto foram as manchetes que se repetiram na mídia local. O cúmulo do absurdo, a título de exemplo, aconteceu com o viaduto de acesso à UFMT que teve falhas, visíveis a olho nu, denunciadas por estudante do curso de Engenharia em contrassenso ao megaprojeto elaborado pelos responsáveis técnicos⁶³. Em muitas avenidas a “grama foi pintada de verde” literalmente⁶⁴, pois para encobrir o atraso na execução das obras o governo ‘colocou’ grama para esconder os buracos deixados pelas empreiteiras.

Enfim, chegou a Copa do Mundo e o que houve de interferência na paisagem anteriormente descrita?

63 Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/06/governo-e-consorcio-admitem-erro-em-obra-de-viaduto-da-copa-em-cuiaba.html> e <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=434494>>. Acesso em: 20 set. 2014.

64 Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/mt/copa-do-mundo/noticia/2014/05/jeitinho-brasileiro-grama-e-plantada-em-area-onde-o-vlt-vai-passar-em-mt.html>>. Acesso em: 20 set. 2014.

É nessa perspectiva que passo doravante a descrever minhas impressões.

Retrato pós-Projeto Copa

Esse segundo marco temporal e espacial, também foi percorrido de maneira solitária e nos levou a situações limites, mas o desejo incontrolável pela exploração nos impulsionou a realização do campo, que contou com as fortes referências anteriores, para percepção das alterações havidas.

Dessas impressões, escolhi as advindas do campo pesquisado, realizado em uma terça-feira, dia 15 de julho de 2014, mesmo horário (19 horas) do campo relatado em linhas atrás, após os jogos destinados a Cuiabá, registrando-se em resenha futebolística quatro jogos realizados, sendo Chile e Austrália (13/06); Rússia e Coreia (17/06); Nigéria e Bósnia-Herzegovina (21/06) e Japão e Colômbia (24/06).

Como da primeira vez, o percurso foi irradiado da Igreja de São Benedito da Paróquia do Rosário. O cheiro de parafina misturado ao de ‘churrasquinhos’ e da fumaça expelida pelos veículos permaneceram, mas o beco do Candeeiro estava diferente. Ainda que a música profana do bar pórtico do beco persistisse em alto e bom tom, o pedaço estava vazio. Seus ocupantes anteriores desapareceram, ao menos naquela noite não os vi, o que me soou estranho. De fato, agora eles estavam verdadeiramente invisíveis como se estivessem sido abduzidos em razão da higiene tão almejada pelo padrão FIFA de excelência. A região moral, antes existente, foi encapsulada. O sistema é perverso e, para atender interesses maiores, aceita tudo, até mesmo esconder sua realidade como se tais pessoas fossem mazelas e não fruto das próprias condições e oportunidades ofertadas de maneira excludente pela estrutura.

Talvez o marco físico e simbólico desse quadro seja a inauguração da Companhia de Polícia Militar,⁶⁵ acontecida em 13 de março de 2014, como resultado de Parceria Público Privada (PPP), através da Câmara de Diretores Lojistas (CDL), Prefeitura Municipal e Governo do Estado. Essa iniciativa é parte do processo de higienização daquele pedaço com o intuito de controle das prostitutas e usuários de drogas e maior “segurança aos transeuntes”.

⁶⁵ Disponível em: <<http://midianews.com.br/conteudo.php?sid=3&cid=191614>>. Acesso em: 20 set. 2014.

Ao seguir para a rua Voluntários da Pátria, percebi novamente a ausência dos sujeitos anteriormente viventes naquele espaço e a outrora suntuosidade dos casarios exalava agora um ar fantasmagórico. Por sua vez, a Igreja Nosso Senhor dos Passos me lembrava mais uma catacumba sem ninguém para marcar aquele pedaço.

Rumo ao calçadão da Galdino Pimentel, visualizei, na viela, um grupo de três pessoas agachadas enrolando o ‘baseado’, ou seja, por mais que se queira ‘higienizar’ a rua, ela sempre nos surpreende como se nos falasse: “Eu não tenho dono ou dona, sou de todos e de todas!”. No calçadão, o mesmo frenesi marcado pelos passos acelerados dos transeuntes ansiosos pelo retorno às suas casas.

Na praça Alencastro, reminiscências da Copa – uma semana depois do vexame do jogo do Brasil contra a Alemanha – marcavam um quadro com algumas pessoas trajando camisetas da seleção canarinho e de outros times que atuaram na Copa do Mundo. Naquele ambiente, estabeleci contato com moradores de rua que me apresentaram notícia impactante. Segundo um informante morador de rua, o Centro POP de Cuiabá que se localizava na rua Pedro Celestino, próximo à praça Alencastro, foi fechado. Indícios dão conta que o ato de fechamento se deu por reivindicação do setor comercial cuiabano que via na aglomeração das pessoas em situação de rua, naquele ponto de apoio, um ‘perigo’ aos anseios capitalistas. A simples presença deles naquele ponto gerava medo e afugentava a clientela. Ou seja, rotulação imposta, diferença convertida em desvio, e a fórmula potencialmente mortal consumada. Retirem-se os desviantes. E assim foi feito, começando pelo fechamento do ponto de apoio a esses marginalizados.

Desse relato me veio uma perspectiva tangente a uma possibilidade de exclusão entre os pedaços percebidos, uma vez que os representantes da mancha comercial e sua autoconsideração como donos do pedaço se articularam politicamente para desativar ponto de apoio dos coletivos da população em situação de rua, por mim considerados, também, donos do pedaço, mas inferiorizados nessa relação de poder.

Na rua Barão de Melgaço, bem como na avenida Getúlio Vargas, observamos a ausência das pessoas em situação de rua. Na praça da República, localizada em frente à Matriz, alguns *hippies* ofertavam seu artesanato para os poucos transeuntes daquele dia. O portão da Igreja, tal qual na última vez, estava fechado.

Ao descer o calçadão da Antônio Maria rumo à avenida Isaac Póvoas o mesmo vazio, com poucas pessoas transitando sob os olhares do corpo de vigilantes responsável pela guarda dos estabelecimentos comerciais no período noturno.

O quadro retratado anteriormente, no que toca à praça Maria Taquara, parece que foi congelado, pois que encontramos a mesma ‘torre de babel’ com a presença de mototaxistas, ébrios, pedintes, trabalhadores, mulheres, adolescentes, idosos e outros coletivos concentrados nas proximidades dos pontos de ônibus ali existentes. Esta ambiência/*topoi* reporta-me à Cunha (2009), pesquisadora que investigou o fenômeno *trabalhadores de rua*, quando pondera que a rua, um dos principais espaços públicos, não é meramente um lugar de passagem e circulação, é também o lugar do encontro, do movimento, da mistura como teatro espontâneo.

Logo, esse teatro espontâneo denota lugar de ocorrência dos mais diversificados fenômenos, e neles incluem-se os educativos. Neste contexto, a rua configura-se como lugar de educação não-formal e informal, emprestando as palavras de Gohn (2006, p. 29, grifo da autora), segundo a qual, nesses processos, “[...] o grande educador é o ‘outro’, aquele com quem interagimos ou nos integramos.”

Essas situações relacionais remetem aos ensinamentos de Paulo Freire (1986, p. 35) quando, em sua obra *Educação como prática da liberdade*, expressa que “Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”. No pensar desse autor, a partir das relações do homem com a realidade, decorrentes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a e, em meio a estas ações, vai acrescentando algo de que ele é o seu próprio fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos, fazendo culturas. E é também o jogo dessas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiando e respondendo ao desafio, alternando e criando, que não permite a imobilidade. É, pois, neste movimento relacional que vivem e convivem nossos invisíveis protagonistas, moradores de rua, que aqui e ali, lá e acolá, migram de “pedaços” a “pedaços” e, com suas vivências e experiências, resistem às ameaças capitalistas, vão mobilizando-se e produzindo seus saberes, valores e referenciais.

Alicerçado nos fenômenos percebidos, tenho, do observado, que a área percorrida ainda pode ser considerada uma mancha comercial com pontos

de circuitos culturais e religiosos, mas os pontos de concentração de muitos coletivos formados por pessoas em situação de rua, ao menos nesse dia do campo, não foram identificados, o que nos leva à afirmação de um processo de higienização da área central, mesmo que somente no período de realização da Copa do Mundo. Os indícios mais fortes dessa afirmação são o fechamento do Centro POP, localizado na rua Pedro Celestino, e a criação de Companhia de Polícia Militar no Beco do Candeeiro.

Considerações finais

O percurso empreendido, como fonte de observação para este artigo, é marcado por inúmeras construções que rememoram ao século XVIII, tombadas pelo patrimônio histórico, contrapondo ao movimento frenético do urbano que invadiu aquele espaço, criando um paradoxo entre o que representa o passado e o futuro, presentes na vivência temporal dos cuiabanos de nascença ou por adoção, impactando diretamente a população em situação de rua, invisibilizada nesse processo traumático implementado por conta do projeto “Copa do Mundo” e seu padrão FIFA de qualidade.

Pela orientação fenomenológica buscamos perceber a paisagem e a realidade dos sujeitos observados. O novo e o velho, o jovem e o idoso, o trabalhador e o ocioso, a prostituta e as beatas, meninos de ruas e estudantes, ébrios e errantes, convivendo lado a lado; experiência possível no urbano, especificamente na rua, e no seu modo *blasé*, estranhado depois das bases metodológicas apresentadas.

O sagrado e o profano materializados nos monumentos, prédios, ruas, calçadões, becos, contrapõem as pessoas cujas relações são marcadas por maniqueísmo, rótulos e estigmas e, ainda despersonificam aqueles que são desprovidos de bens materiais e se encontram em situação de vulnerabilidade, como é o caso da população em situação de rua.

A situação de Cuiabá não difere de outros locais, contando com significações multifacetárias nas relações estabelecidas com a população em situação de rua. Há uma rejeição e um sentimento de medo contra alguns coletivos, como é o caso dos dependentes de drogas e dos perturbados mentais.

A rua, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que nomeia é também espaço de vivências simbólicas, identitárias e materiais (Gregori, 2000, p. 101) que devem ser compreendidas, reconhecidas e respeitadas dentro das plura-

lidades possíveis. A solução da problemática passa por inúmeras estratégias que devem procurar estabelecer redes de ação e atendimento entre os diversos níveis de governo e Poderes, bem como a sociedade civil organizada.

Referências

BECKER, Howard. A escola de Chicago. In *Mana: estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177-187, out. 1996.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Desvendando máscaras sociais* (Org.) Tradução de Alba Zaluar Guimarães. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1965, p. 87-121.

CUNHA, A. M. *Trabalhadores de rua: tensões e resistências na luta pelo direito ao trabalho*. Revista *Katálvs*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 77-85, jan./jun. 2009.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986).

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação política pública e educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GREGORI, M. F. *Viração: experiências de meninos de rua*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

IGREJA HAVIA PASSADO POR DIVERSAS REFORMAS. Disponível em <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=47486&edicao=9916&anterior=1>. Acesso em: 20 set. 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo uma antropologia na metrópole. In MAGNANI, J. G. C.; TORRES, Lilia de (Org.). *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996. p. 12-53.

_____. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais [s.l.], v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

_____. Tribos urbanas: metáfora ou categoria? *Cadernos de Campo*. Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia, São Paulo: Departamento de Antropologia, a. 2, n. 2, 1992. Disponível em: <<http://antropologiausp.blogspot.com.br/2010/05/cadernos-de-campo-vol-2-n-2-1992.html>>. Acesso em: 20 set. 2014.

NEGRÃO, João; MORALES, Protásio.
*Igreja do Nosso Senhor dos Passos
guarda histórias e lendas da velha
Cuiabá*. Disponível em: <http://www3.cultura.mt.gov.br/TNX/imprime.php?cid=848&sid=54> acesso em: 20 set. 2014.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987, p. 26-67.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (Org.). *O Fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987, p. 11-25.

